

EJ

14 // 2021

**Os enquadramentos jornalísticos da Guerra Civil Síria:
o caso dos sites de notícias brasileiros *G1* e *Uol***

Gisela Cardoso Teixeira

**Percepções desiguais sobre o trabalho das mulheres jornalistas
de desporto em Portugal: rotinas, problemas e práticas**

Marlene Loureiro, Susana Faria & Fábio Ribeiro

**As explosões nervosas da presidente: Análise das
representações fotográficas de Dilma Roussef na Revista
*IstoÉ***

Natalia Reis Gomes

**“Tudo, menos o PT”: o Antipetismo da Revista *IstoÉ* como
Estratégia de Normalização da Extrema-Direita na eleição
brasileira de 2018**

Anelise Bertuzzi Bezerra & Bruno Araújo

-

// FICHA TÉCNICA //

Revista *Estudos de Jornalismo*

Número 14 (Dez. 2021)

ISSN: 2182-7044

Site: www.revistaej.sopcom.pt

Contacto: revistaestudosjornalismo@gmail.com

// EDITORES //

Inês Amaral (FLUC e CECS)

Pedro Jerónimo (UBI, LabCom e CECS)

// ORGANIZAÇÃO //

GT Jornalismo e Sociedade da SOPCOM

LabCom – Comunicação e Artes

// NOTA EDITORIAL // Textos, imagens e referências
são da responsabilidade dos autores.

Perceções desiguais sobre o trabalho das mulheres jornalistas de desporto em Portugal: rotinas, problemas e práticas

Marlene Loureiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD); Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) – Universidade do Minho

mloureiro@utad.pt

Susana Faria

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

susana.10faria@gmail.com

Fábio Ribeiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD); Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) – Universidade do Minho

fabior@utad.pt

Resumo

Este artigo reflete sobre o papel das mulheres jornalistas e suas funções no jornalismo desportivo em Portugal, a partir da análise de dois pontos de vista: a forma como se integram nas redações e as perceções sociais que estão relacionadas com a sua atividade, sobretudo a partir do trabalho realizado no exterior e pelos comentários feitos por leitores, ouvintes ou telespectadores. Deste modo, realizou-se um estudo, de pendor qualitativo, através da realização de entrevistas estruturadas a uma amostra de mulheres jornalistas na área de desporto, bem como de investigadoras na área de interseção entre os estudos de género e os média. A análise dos diversos depoimentos indica que as jornalistas assumem as dificuldades de trabalhar numa área ainda muito marcada pela presença masculina, tanto na ocupação de cargos de chefia, como nos conteúdos desportivos abordados. As jornalistas sublinham a recorrência de comentários preconceituosos, misóginos e ofensivos, que procuram diminuir o potencial que as mulheres possam oferecer a esta área de trabalho.

Palavras-chave: Jornalismo, Mulheres, Desporto, Desigualdades, Profissão.

Unequal perceptions of the work of women sports journalists in Portugal: routines, problems and practices

Abstract

This article discusses the role of women journalists and their functions in sports journalism in Portugal, from two points of view: the way they are integrated in the newsrooms and the social perceptions that are related to their activity, especially from the outside work and the comments made by readers, listeners or viewers. As such, a qualitative study was carried out through structured interviews to a sample of women journalists covering sports, as well as with researchers whom have been working in the intersection between gender and media studies. In one hand, the analysis clearly indicates that the journalists face several troubles in the newsrooms, especially in this area where men still dominate several leading positions, both in management and in the content covered. In the other, the journalists highlighted several situation of prejudice, misogynistic and offensive comments, which seek to diminish the potential that women can offer to this area of work.

Keywords: *journalism, women, sports, inequalities, work.*

Introdução

Há muito tempo que ser jornalista deixou de ser uma profissão apenas ocupada por homens (Silveirinha, 2012). No entanto, não é possível apagar um longo passado em que as mulheres nem sempre foram bem vistas pelos órgãos de comunicação social, enquanto profissionais da área. Em Portugal, por exemplo, a área do jornalismo desportivo é completamente dominada pelo sexo masculino: “há 456 jornalistas a trabalhar em desporto no nosso país, dos quais 388 são homens (85%) e 68 são mulheres (15%) (..)” (Martins & Cerqueira, 2019, p. 9).

Diversos trabalhos científicos têm vindo a dar conta das dificuldades que as mulheres encontram no exercício da sua atividade como jornalistas. Apesar de, tal como avança Delano (2011), terem sido feitos vários avanços na integração de mulheres nas redações, com responsabilidades e tarefas idênticas aos homens, muitas distonias persistem. A partir da realidade asiática, Shetty (2005) apresenta inúmeras circunstâncias onde a presença expressiva dos homens na estrutura dos média dificulta a realização de certas tarefas por parte das mulheres, o que estará enraizado numa tradição social e cultural centrada no papel masculino. Em Israel, por exemplo, destaca-se a forma como se utiliza, tipicamente, a mulher para a apresentação de conteúdos televisivos com algum destaque, uma função que se debate

com o problema dos salários desiguais, inferiores aos dos homens. Lewis, Zamith e Coddington (2020) discutem as constantes ameaças, algumas de índole física, que diversas jornalistas têm sentido no EUA, uma situação que conseguiram empiricamente demonstrar através de um estudo que revela, ainda, que as profissionais deste setor com maior exposição, como os meios audiovisuais associados à imagem, correm mais riscos de receberem comentários negativos por parte do público.

Desta forma, o principal objetivo deste trabalho consiste na tentativa de compreender o papel da mulher enquanto jornalista na área do desporto. Para alcançar este objetivo, foram aplicadas entrevistas estruturadas, recorrendo a um processo de amostragem não-probabilística por conveniência a mulheres jornalistas que desempenham, à data deste estudo (junho de 2020), funções no mundo do jornalismo desportivo e também a docentes universitárias e investigadoras com estudos nesta área.

A presença da mulher no jornalismo desportivo

Não se sabe o exato momento em que as mulheres começaram a desempenhar funções enquanto jornalistas. O aparecimento de assinaturas femininas nos jornais nacionais não se traduziu na entrada de mulheres nas redações, uma vez os periódicos da época não tinham um espaço como hoje em dia destinado à atividade jornalística e, quando começaram a aparecer, não existiam divisões separadas como, por exemplo, os espaços destinados à higiene pessoal dos jornalistas.

O trabalho elaborado pelas mulheres era feito em casa e, posteriormente, enviado à pessoa responsável no jornal que trataria da sua publicação. Como revela Isabel Ventura,

inicialmente, os periódicos não tinham um espaço idêntico ao que hoje chamamos 'redação' e porque, quando passaram a ter, as mulheres não podiam entrar, ou quando o acesso não lhes era interdito, tinham espaços separados à semelhança do que sucede hoje com os lavabos (2014, p. 9).

Seguindo a mesma autora, Manuela de Azevedo foi a primeira jornalista portuguesa a ter carteira profissional. Começou a carreira no jornal *República*, foi redatora da revista *Vida Mundial*, *Diário de Lisboa*, *Diário ilustrado* e terminou carreira no *Diário de Notícias*. Virgínia Quaresma é outro dos grandes nomes do jornalismo português. Possui uma rua com o seu nome onde, na placa que a identifica, está escrito "primeira jornalista portuguesa" (Ventura, 2014, p. 9). Nesta altura, o funcionamento do mercado jornalístico oferecia uma dimensão problemática. Com frequência, as mulheres eram obrigadas a assinar as suas peças jornalísticas recorrendo à utilização de um nome masculino.

Como já foi referido, o jornalismo era visto como uma profissão de homens, não era a

carreira ideal para o sexo feminino. As mulheres que nutriam gosto pela escrita esconderam durante muito tempo a sua participação em jornais, sendo que era muito mais fácil a utilização de um pseudónimo masculino, estando assim livres das críticas alheias (Ventura, 2014, p. 9).

Quando as mulheres começaram a entrar nas redações dos jornais, havia uma separação dos espaços destinados a jornalistas do sexo feminino. Para algumas pessoas estas "medidas" foram implementadas com vista à "defesa da integridade moral das mulheres face à linguagem excessivamente grosseira dos colegas do sexo masculino", ou seja, para proteger as mulheres dos homens. Já para outros indivíduos, a chegada de elementos femininos às redações colocaria a liberdade dos homens falarem livremente em causa, "a separação física permitia-lhes manter uma espécie de 'colónia' masculina e, sobretudo, a manutenção desse privilégio que é o da palavra no espaço público, ou neste caso, semipúblico" (Ventura, 2014, pp. 12-13).

Como se a separação dos espaços físicos não fosse suficiente, a delimitação dos temas era uma constante. "Uma espécie de 'censura interna', a juntar à censura oficial que vigora nesta altura" (Ventura 2014, 13). As jornalistas eram praticamente obrigadas a escreverem sobre assuntos apelidados como de especialidade do sexo feminino: gastronomia e culinária, cultura e educação, puericultura e assistência social. (...) os temas do feminino são considerados menores e têm como consequência a descredibilização ou menorização de quem os produz (Ventura, 2014, p. 13). A instrução escolar levou a que houvesse uma crescente presença das mulheres no jornalismo: "Em 1960, as universitárias constituíam uma pequena minoria, representando apenas 29,5% dos estudantes. A partir daquela data, têm crescido continuamente, sendo actualmente a maioria, atingindo quase os 60%" (Subtil, 2000, p. 2).

O Sindicato dos Jornalistas deu conta dos resultados de um inquérito, apresentado no Congresso de Jornalistas, em 2017, onde se percebeu que 48,2% dos jornalistas são mulheres. O inquérito revela ainda que as jornalistas têm níveis de educação superiores (54% possuem uma licenciatura, superando os homens, com 34%) e trabalham mais horas (43% trabalham entre 41 e 50 horas semanais e os homens na mesma situação 33%). Além de trabalharem mais horas, as mulheres ganham cerca de menos 80 euros líquidos por mês do que os homens, representando, assim, mais de 1.000 euros por ano, o que configura um salário mensal desigual entre os dois géneros. No mesmo estudo refere-se que as mulheres auferem menos de metade dos salários acima dos 2.000 euros e que estão mais insatisfeitas com a profissão, especialmente com a remuneração que auferem. Quanto aos cargos de chefia, as mulheres ocupam menos de metade destas posições de liderança e admitem, em maior percentagem, que, se pudessem, escolheriam outra profissão. O mesmo documento revela que as mulheres jornalistas "estão hoje sujeitas a condições de trabalho (ainda) mais vulneráveis, com níveis de precariedade, insegurança laboral, desigualdade salarial e assédio superiores aos registados pelos jornalistas homens, que devem igualmente ser denunciados."

Se para as mulheres fazer jornalismo era impensável, imagine-se escrever o que quer que fosse sobre a área desportiva. O desporto sempre foi um universo à parte e inalcançável para o sexo feminino. No início dos anos 1970 era difícil encontrar uma mulher a trabalhar no jornalismo desportivo, mas as coisas mudaram e, atualmente, é possível encontrar mulheres nas redações de desporto (Coelho 2006). Em relação ao número de homens, as mulheres ainda ficam muito atrás, “mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população” (Coelho 2006, 4). As pessoas ainda não estão habituadas a ver e ouvir uma mulher falar de desporto, pelo que ainda causa alguma estranheza quando acontece “é sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes” (Coelho, 2006, p. 35).

O número de mulheres nas redações tende a crescer, mas ainda são vistas com alguma desconfiança por parte dos homens, apesar “do crescente número de jornalistas mulheres nas redações, as mulheres ainda são vistas como estranhas pelos seus colegas do sexo masculino. Isso acontece porque as práticas jornalísticas estão profundamente enraizadas numa cultura profissional centrada no homem” (Lobo *et al.*, 2015, p. 3). O *Inquérito Internacional de Imprensa Desportiva*, de 2011, que analisou 80 jornais de 22 países, e a autoria dos textos jornalísticos na área do desporto, concluiu que só 8% dos 11 mil artigos eram escritos por mulheres (Horky e Nieland 2011). Marie Hardin e Stacie Shain, no artigo *Female Sports Journalists: Are We There Yet? 'No'*, defendem que a duração média da carreira das mulheres no jornalismo desportivo é de dez anos e que a maioria nunca chega a alcançar cargos de gestão (2005, p. 23). Nos órgãos de comunicação social dirigidos ao público feminino o panorama é bem diferente. Estes são os únicos onde as mulheres chegam a exercer cargos de chefia: “as únicas mulheres directoras de órgãos de comunicação social encontram-se nas revistas dirigidas ao público feminino. São também escassos os cargos de chefia ocupados por mulheres nas redações” (Subtil, 2000, p. 1).

No jornalismo, as mulheres, na maior parte dos casos, desempenham apenas funções de “execução”. A elite jornalística continua, portanto, a ser predominantemente masculina, o que significa que ao ingresso das mulheres na profissão não tem correspondido idêntico acesso a lugares de relevo (Subtil, 2000). Além de nunca alcançarem cargos altos no desporto, as tarefas dadas às mulheres nas redações de desporto não são as mesmas que são atribuídas aos homens. Normalmente, as jornalistas ficam encarregues de cobrir eventos desportivos mais pequenos, com pouca notoriedade e outros desportos com menos adeptos.

as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e ténis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstram conhecimento (Coelho, 2006, p. 35).

Num estudo realizado por Cláudia Martins e Carla Cerqueira (2018), através da aplicação de um inquérito a 19 órgãos de comunicação nacionais, com o fim de quantificarem “as e os jornalistas de desporto em Portugal”, foi apurada a seguinte distribuição (Tabela 1):

Tabela 1 - Número de jornalistas e jornalistas em cargos hierarquicamente superiores

OCS	Homens jornalistas na secção de desporto	Mulheres jornalistas na secção de desporto	Homens em posições hierarquicamente superiores	Mulheres em posições hierarquicamente superiores
Record	75	12	15	7
A Bola	60	12	12	2
O Jogo	45	5	6	1
SportTV	30	5	5	0
Expresso	2	1	1	0
TSE	8	1	5	0
Antena 1	10	1	7	0
Rádio Renascença	10	1	3	0
Agência Lusa	37	8	6	0
Correio da Manhã (Jornal e TV)	12	3	2	1
Diário de Notícias	8	1	3	0
Jornal de Notícias	16	2	3	0
Público	12	1	2	0
SIC	13	4	0	2
RTP	18	2	3	1
TVI	12	4	2	0
zerozero.pt	6	2	1	0
MaisFutebol	13	3	2	1
Observador	1	0		
SUB-TOTAL	388	68	78	15
TOTAL	456			93

Fonte: Cerqueira e Martins (2018, p. 9)

Em relação aos cargos ocupados pelas mulheres no jornalismo desportivo, segundo estes resultados, em 93 postos de trabalho hierarquicamente superiores, apenas 15 são ocupados por mulheres. Conforme relatam nesse trabalho,

As percentagens de homens e mulheres em posições de chefia ou cargos superiores nas redações portuguesas subordinadas à temática desportiva são, igualmente, baixas: 84% dos postos superiores são ocupados por homens, percentagem que corresponde a 78 profissionais, e 16% são pertencentes a mulheres, correspondentes a 15 num total de 93 postos hierarquicamente superiores (Cerqueira e Martins, 2018, p. 10).

O mesmo estudo releva que, segundo dados de 2018, a diferença entre homens e mulheres nas redações, em concreto na área de desporto, é abismal: 230 homens e 37 mulheres, na imprensa escrita; 28 homens e 3 mulheres na rádio; 73 homens e 15 mulheres, na televisão. As autoras referem que na imprensa escrita desportiva - mais especificamente nos três jornais desportivos diários (*A Bola*, *Record* e *O Jogo*), grande parte das mulheres

estão na secção de Modalidades (10), no *online* são oito, futebol nacional (4) e na agenda (3). A imprensa portuguesa dá um maior destaque aos três grandes clubes do país (Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal) e, por isso mesmo, possuem mais páginas dedicadas a estes. Existem apenas duas mulheres a trabalhar nessas secções nos três desportivos diários, uma no Benfica e outra na do Sporting. Relativamente ao departamento que cobre o futebol internacional, as autoras não encontraram qualquer elemento feminino.

Metodologia

Este artigo tem como objetivo averiguar se existem diferenças nas tarefas e práticas desempenhadas pelas mulheres enquanto jornalistas de desporto em Portugal, e os problemas que estas enfrentam diariamente durante o desempenho da profissão. Para a concretização deste objetivo utilizou-se uma abordagem mista (quantitativa e qualitativa).

Neste sentido, decidiu-se implementar, como técnica de recolha de dados, um conjunto de entrevistas estruturadas e adaptadas aos dois perfis selecionados para analisar o tema: a mulheres jornalistas com responsabilidades na redação de temas desportivos, o que se traduziu neste caso em nove entrevistas; a investigadoras na já referida área de interseção entre os média e os estudos de género, o que resultou em duas entrevistas. Assim, a amostragem utilizada foi a não-probabilística por conveniência ou por acessibilidade.

De modo a compreender a perspetiva tanto das jornalistas como das investigadoras, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo, na linha da proposta apresentada por Bengtsson (2016), que define esta ferramenta como uma forma de organização do conteúdo mais relevante e realista. O autor propõe duas abordagens da análise de conteúdo: a manifesta, dedicada a uma superfície de ampla estrutura; a latente, que envolve o cruzamento de perspetivas num determinado universo concreto. Dada a natureza deste estudo, e do número modesto, mas relevante da amostra, decidiu-se seguir a última perspetiva apresentada, uma vez que se pretende colocar em evidência as avaliações das participantes neste estudo.

De forma a garantir os imperativos éticos de anonimato das respostas recolhidas, iremos analisar as declarações das entrevistadas recorrendo a uma formulação numérica. Deste modo, conduzimos nove entrevistas a jornalistas ligadas a diversos meios de comunicação, de acordo com a seguinte distribuição: televisão (4 entrevistadas); imprensa (3); online (1); televisão (1). Refira-se, a título genérico e informativo, que todas as entrevistadas desenvolvem atividades jornalísticas de forma regular e permanente há, pelo menos, cinco anos. Tal como se descreveu anteriormente, registámos a perspetiva de duas docentes e investigadoras portuguesas com trabalho científico nesta área.

Análise dos resultados

Em termos genéricos, avaliamos neste artigo as percepções das jornalistas e das investigadoras sobre dois aspetos, que se relacionam, em primeiro lugar, com as práticas jornalísticas nas secções de desporto e o lugar da mulher neste contexto e, num segundo momento, as eventuais dificuldades que uma mulher jornalista terá de enfrentar na execução do seu trabalho fora da redação, no contacto com o público desta área ou mais generalizado.

Em relação à primeira dimensão de observação, sobre as percepções do trabalho jornalístico levado a cabo pelas mulheres nas redações, concluiu-se que as perspetivas das entrevistadas divergem ligeiramente entre si, embora todas acabem por admitir que é possível encontrar algumas desigualdades nas representações sobre o papel que a mulher jornalista pode desempenhar neste contexto.

Questionada sobre se as redações lidam bem com o facto de terem mulheres na equipa, a entrevistada nº 1 afirmou que existe preconceito e desconfiança em relação à capacidade das mulheres para trabalharem nesta área. “Uma espécie de desconfiança intelectual, em relação à competência e conhecimento sobre desporto, algo que nunca acontece quando se trata de um homem”, sublinha. A jornalista revela que, num ponto de vista pessoal, sente uma maior pressão ao desempenhar as tarefas diárias, não por temer represálias, mas por a tolerância ao erro ser muito menor, porque, tal como explicou, uma mulher nesta área tem de trabalhar e provar muito mais do que um homem e nunca recebe o mesmo tipo de reconhecimento.

A entrevistada nº 2 disse nunca ter sentido qualquer tipo de discriminação por parte de colegas e chefias pelo facto de ser mulher, no entanto recorda um exemplo que evidencia um certo preconceito encapotado, em que se admite os jornalistas homens têm, supostamente, um maior conhecimento sobre o funcionamento do desporto, comparativamente com as mulheres, o que determina, eventualmente, uma menor exigência dos editores em relação às jornalistas. A entrevista completa esta ideia: “uma vez em conversa com uma das minhas coordenadoras, ela disse-me diretamente: “Eu sei que não posso exigir tanto de vocês raparigas como faço com os rapazes””. Esta afirmação leva a crer que as mulheres não são as únicas lesadas de tratamento diferenciado nas redações e acaba por ser muito mais fácil uma mulher superar as expectativas. Numa outra experiência profissional, a entrevistada nº 3 percebeu que os métodos de recrutamento e os exercícios de teste não eram os mesmos para homens e mulheres: “A conversa que serve de apresentação de uma mulher é muito mais alongada em comparação com um homem. A minha durou cerca de uma hora, enquanto a conversa com cada um dos homens da redação, teve a duração de 20 minutos no máximo.”. A

jornalista disse que ainda “muitas raparigas são chamadas para a entrevista, mas que raramente passam nos testes. A redação era composta apenas por três raparigas e 12 rapazes.”.

A entrevistada nº 4 referiu que existe discriminação das mulheres em várias esferas, não apenas no jornalismo desportivo: “as características que diferem uma mulher de um homem têm a ver mais com a natureza e não tanto com o intelecto”. Embora admita que a integração de uma mulher numa redação de desporto é cada vez mais natural, “porque é também mais comum do que no passado”, a jornalista revela que “nem sempre foi assim. E, reconheço, que dar os primeiros passos no desporto, não foi fácil”. A entrevistada nº 5 desloca a desigualdade do relevo da mulher jornalista numa redação desportiva para a questão das chefias. Segundo a entrevistada, os cargos de maior responsabilidade editorial estão ainda vedados às mulheres. A jornalista afirmou que, à data a que se reporta esta análise, não existiam mulheres nestas funções no meio de comunicação onde trabalhava e que o sexo feminino tinha de trabalhar muito mais do que um homem para chegar a cargos de editoria. “Há tetos de vidro. Ou seja, não nos dizem declaradamente que não temos direito à oportunidade, permitem-nos que lutemos por ela, mas quando estamos a um passo de a alcançar há uma barreira invisível”, apontou.

Esta perceção parece contrariar, em certo modo, o percurso profissional da entrevistada nº 6, que chegou aos cargos de editora e direção. A jornalista admite, ainda assim, que não foi um caminho fácil e que “como em todas as áreas os cargos de chefia são quase um exclusivo dos homens. A prova disso é que demorei muito mais tempo a lá chegar”. Para a jornalista, os homens são considerados “rapidamente mais credíveis, como se fosse um desígnio genético”. O desinteresse das mulheres pelo desporto é um dos motivos para que estas sejam uma minoria no jornalismo desportivo, juntando a isso o facto de esta ser “uma editoria dura para mulheres com contexto familiar: muitos horários noturnos e trabalho por excelência ao fim de semana”, explicou.

Em sentido inverso à linha de raciocínio aqui apresentada surgem os depoimentos das restantes jornalistas entrevistadas (7, 8 e 9). Todas defenderam que nunca sentiram qualquer tipo de discriminação nas redações de desporto onde trabalhavam ou mesmo em experiências profissionais anteriores.

As investigadoras contactadas para, de algum modo, interpretarem estes dados, sinalizam a existência de diversas práticas desiguais, enraizadas num certo clima de genderização da classe jornalística nesta área. A investigadora entrevistada nº 1 lembra que já se notam evoluções positivas neste contexto, “no entanto as discriminações continuam a ser muito presentes, embora em muitos casos sejam de ordem diferente do que se verificava antes, muito mais subtis”. A investigadora entrevistada nº 2 considera que “os dados mostram que o número de homens e mulheres na profissão é mais ou menos equivalente, mas quando

olhamos para as posições de chefia elas continuam a ser dominadas pelos homens”.

A docente defende que a desigualdade também se reflete nos próprios conteúdos assinados pelos jornalistas. Num projeto onde esteve envolvida entre 2013 e 2016, sobre a produção jornalística a partir de uma perspetiva de género, a investigadora concluiu que as redações em Portugal são dominadas “por uma cosmovisão masculina do mundo, que deprecia o que é codificado, digamos assim, como feminino”. Embora existam diferenças consoante o meio de comunicação em causa, a investigadora considera que “em geral, há editoriais dominadas por mulheres e editoriais dominadas por homens. Esta seleção ocorre, com frequência, de forma falsamente natural, tal como no dia a dia são normalizados papéis de género femininos e masculinos”.

Relativamente à questão das chefias, levantada por algumas entrevistadas, a cientista mostra-se mais cautelosa, uma vez que “a cultura das redações dialoga com os valores sociais mais amplos, que justificam que homens e mulheres tenham ainda um valor diferente no mercado de trabalho”. Esta perceção sugere a eventual análise de outras estruturas mais alargadas: “As políticas dirigidas para a conciliação da esfera doméstica com a esfera laboral têm precisamente em vista contrariar essa valorização diferenciada”. A entrevistada afirmou que a questão a diferença de perceções sentida nas redações pode envolver questões de outra complexidade: “Não creio que possamos responsabilizar individualmente um conjunto de pessoas. Se assim fosse, bastaria afastá-las e o problema resolver-se-ia”.

Na análise da segunda questão, que se prende com a perspetivação de algumas circunstâncias que se colocam ao exercício de atividade jornalística das mulheres no exterior, fora das redações, já é possível encontrar um terreno de maior unanimidade junto das entrevistadas. De facto, para a generalidade dos depoimentos, a realização do trabalho fora de portas, o que sugere um determinado contacto com o público, envolve inevitavelmente a perceção de preconceitos e outras visões negativas junto das mulheres.

A jornalista entrevistada nº 1, habituada ao trabalho de repórter fora da redação, refere que a discriminação surge muitas vezes verbalizada: “os comentários impróprios e os insultos nos serviços externos eram e são frequentes, não só por parte do público como também dos meus colegas e de intervenientes do desporto como treinadores, jogadores ou dirigentes”. A entrevistada nº 2 concorda com a ideia de que as mulheres jornalistas, nestes ambientes, são muito visadas em comentários de índole machista, recordando que muitas vezes ouvia a pergunta jocosa “a que horas está pronto o jantar?”.

A entrevistada nº 3 partilha da opinião de que as mulheres no desporto são sempre minorizadas pela simples razão de serem mulheres. A jornalista admite que este preconceito é atual e que as mulheres são frequentemente atacadas não pelo que dizem ou escrevem, mas apenas por serem mulheres, particularmente por parte dos leitores que preenchem as redes sociais, onde comentários machistas são comuns. A entrevistada defende que os promotores

dos insultos estão, normalmente, ligados a uma parte do público que se encontra insatisfeita com a notícia retratada, o que surge com os clubes ou instituições que sofrem derrotas ou não cumprem certos objetivos desportivos.

A entrevistada nº 4 admite o mesmo contexto problemático de preconceito, no entanto prefere destacar outras experiências, onde “muitas pessoas com quem me cruzei e até entrevistei, partilhavam como era bom ver mulheres a falar de futebol. Alguns diziam que era estranho também.”. A jornalista considera que o grande desafio passa por um maior protagonismo das mulheres nesta área, com novas ideias, novos formatos, para que as mulheres deixem de “ser apenas um número”.

No início de carreira, a entrevistada nº 5 também foi alvo de comentários preconceituosos por ser mulher e trabalhar na área do futebol. “Cheguei a ouvir comentários que o futebol não é um mundo para mulheres e que a voz feminina não era a adequada a relatos de futebol”, contou. O público que consome desporto não é fácil de agradar e nem sempre conseguiu que todos gostassem do seu trabalho. O facto ser uma mulher a escrever os artigos desportivos fez com que houvesse uma rejeição dos mesmos por parte dos leitores. “Eu já senti o preconceito de que ninguém lê uma crónica escrita por uma mulher, como também já saboreei o outro lado de quem gosta de ler o que escrevo”, referiu a jornalista. Para a jornalista, outro dos problemas que o facto de ser mulher no mundo do desporto traz, é o assédio a que são alvo por parte de indivíduos do sexo masculino: “Há sempre a tentação da sedução por parte dos homens e isto não é uma situação fácil de lidar, exigindo algum jogo de rins para matar o problema sem gerar conflitos”. A jornalista lamenta que tudo se trate de uma abordagem profundamente desigual, baseada em questões de género: “É um jogo em que o macho faz questão de marcar o seu território, seguindo um suposto impulso biológico como desculpa. As mulheres não são objeto de consumo”.

A entrevistada nº 6 também afirmou ter ouvido comentários desadequados durante o exercício da sua profissão e admitiu já ter sido tratada de forma diferente comparativamente aos homens pelo facto de ser mulher. A profissional de desporto nunca sentiu o preconceito nas redações, mas fora delas disse existir o preconceito em relação ao jornalismo desportivo. “Somos sempre olhadas como jornalistas menores”, expôs.

Na leitura das duas investigadoras entrevistadas, o problema da perceção social sobre o trabalho de mulheres jornalistas está relacionado com certos processos de socialização. Para a investigadora entrevistada nº 1, raparigas e mulheres são socializadas tendo como base assimetrias de género, com a ideia de que há esferas que são “femininas” e outras “masculinas”, como continua ainda a ser o caso do desporto. “Obviamente que este processo faz com que não tenham ‘interesse’, mas essa é uma ideia que deve ser desconstruída, mostrar que não há áreas mais apropriadas para homens nem para mulheres, que qualquer pessoa, desde que goste, pode escolher”, declarou a investigadora.

A investigadora entrevistada nº 2 coincide com esta perspetiva e considera que este problema não se aplica apenas ao universo externo às redações. A investigadora afirma que esta situação se reflete depois na ausência de um maior protagonismo das mulheres, onde o contexto não convida a grandes otimismo: “Existirão seguramente muitas exceções, em Portugal e no mundo, mas a tendência é essa”.

Conclusões

A análise do nível de atuação das mulheres jornalistas, ensaiada neste trabalho a partir de duas perspetivas – nas redações e no terreno externo, revela claramente aspetos que configuram desigualdades na perceção do potencial que as mulheres podem oferecer ao trabalho nesta área. Estas conclusões estão, na verdade, em linha com trabalhos anteriores (Geertsema 2009; Patrick 2020; Topić e Bruegmann 2021), que apontam justamente neste sentido de uma perceção desigual do trabalho das jornalistas.

Através dos dados recolhidos foi possível perceber-se que os cargos de chefia configuram um mundo paralelo, inacessível às mulheres, onde o sexo feminino não tem uma voz ativa e o caminho para, possivelmente, chegarem até ele é bem mais duro e difícil do que em comparação com os homens. Foi também referido que existe uma menorização das mulheres que trabalham nas secções de desporto, uma perceção que se justifica, na perspetiva das entrevistadas, por uma simples questão de género. Quase todas as nove jornalistas foram alvo de comentários preconceituosos por serem mulheres e falarem de desporto. As mulheres, nesta área, têm de trabalhar e provar muito mais do que os homens e nunca recebem o mesmo tipo de reconhecimento. Existe uma desconfiança intelectual, em relação à competência e conhecimento sobre desporto no que diz respeito às mulheres enquanto jornalistas, algo que nunca acontece quando se trata de um homem. Ficou claro que as mulheres jornalistas são discriminadas por parte do público, nestes casos, os consumidores de informações desportivas.

As investigadoras entrevistadas acabaram igualmente por corroborar certas ideias levantadas pelas jornalistas. Percebeu-se que as mulheres encontram mais barreiras para ocupar cargos de decisão ou de chefia e que o género interfere no mercado de trabalho. Há também uma forte genderização da atividade nas redações, havendo diferenças consoante o tipo de meio de comunicação. Os conteúdos jornalísticos continuam a apresentar desequilíbrios na representação de homens e de mulheres. As jornalistas estão em minoria quando se trata da área desportiva e as discriminações das mesmas continua a ser muito constante, embora em muitos casos sejam mais subtis.

Ao sinalizar todas estas problemáticas, este estudo junta-se a uma corrente de outros

contributos científicos na área de interseção entre os média e os estudos de género. Contudo, reconhece-se que futuras abordagens devem necessariamente desenvolver um outro tipo de análises, incluindo técnicas como a realização de grupos focais, onde exista mais espaço para densificar estas questões. O alargamento da amostra também deverá ser contemplado e o confronto com a perspetiva de outros jornalistas, nomeadamente homens com cargos de chefia nas redações, poderia ser igualmente visado para tentar compreender um problema de natureza que apenas ilustrará parte de uma realidade desigual.

Referências

- Bengtsson, M. (2016). How to plan and perform a qualitative study using content analysis. *NursingPlus Open* 2, 8-14. <https://doi.org/10.1016/j.npls.2016.01.001>
- Cerqueira, C. & Martins, C. (2018). As jornalistas de desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder. *Estudos em Comunicação*, 26(1), 1-17. <https://doi.org/10.20287/ec.n26.v1.a01>
- Coelho, P. (2006). *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Editora Contexto.
- Delano, A. (2003). Women Journalists: what's the difference?. *Journalism Studies*, 4(2), 273-286. <https://doi.org/10.1080/1461670032000074838>
- Geertsema, M. (2009). Women And News. *Feminist Media Studies*, 9(2), 149-172. <https://doi.org/10.1080/14680770902814827>
- Hardin, M. & Shain, S. (2005). Female sports journalists: are we there yet? No. *Newspaper Research Journal*, 26(4), 22-35. <https://doi.org/10.1177/073953290502600403>
- Horky, T. & Nieland, J-U. (2011). International sport press survey 2011. Internet. Disponível em https://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG_Nieland-Horky_ISPS_2011_3.10.2011_final.pdf
- Lachover, E. & Lemish, D. (2018). Women in Israeli journalism: forwards and backwards. *Israel Affairs*, 24(3), 500-518. <https://doi.org/10.1080/13537121.2018.1454016>
- Lewis, S.; Zamith, R. & Coddington, M. (2020). Online Harassment and Its Implications for the Journalist–Audience Relationship. *Digital Journalism*, 8(8), 1047-1067. <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1811743>
- Lobo, P.; Silveirinha, M.; Torres da Silva, M. & Subtil, F. (2015). Journalism we are all Men:

Material voices in the production of gender meanings. *Journalism studies*, 18(9), 1148-1166.

<https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1111161>

Patrick, D. (2020). Who writes the news? Authorship and gender representation in press coverage of the 2014 referendum on Scottish Independence. *Scottish Affairs*, 29(1), 50-81.

Shetty, K. (2005). Newspaper Management for Women Journalists. *Media Asia*, 32(1).

<https://doi.org/10.1080/01296612.2005.11726761>

Silveirinha, M. J. (2012). As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da História do jornalismo. *Comunicação e Sociedade*, 21, 165-182. [https://doi.org/10.17231/comsoc.21\(2012\).707](https://doi.org/10.17231/comsoc.21(2012).707)

Sindicato dos Jornalistas (2018). "Desigualdade de género em Portugal". Internet. Disponível em https://jornalistas.eu/webdev/wp-content/uploads/2020/03/SINDICATO-DOS-JORNALISTAS-infografia_diamulher_desigualdade_RGB_FINAL-9.pdf.

Subtil, F. (2000). "As mulheres jornalistas". *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, Internet. Acedido em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.pdf>

Topić, M. & Bruegmann, C. (2021). "The Girls at the Desk": Timeless Blokishness in the Newsroom Culture in the British Press?. *Journalism Studies*, 22(1), 77-95. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1854620>

Ventura, I. (2014). A Entrada das Mulheres nas Redações Portuguesas: uma revolução antes da Revolução?. *APEM – Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 9-15.